

Para o governo inglês devedores latinos merecem resposta séria

por Tom Camargo
de Londres

O governo britânico, até agora um dos mais rígidos na maneira de encarar uma eventual renegociação das contas externas dos grandes países devedores, deixou claro na semana passada que pretende levar a sério iniciativas como o recente encontro de Cartagena.

Falando a homens de negócios reunidos na Câmara de Comércio de Londres, sir Geoffrey Howe, o ministro das Relações Exteriores, disse que "o clima em Cartagena foi de cooperação moderação (...) isto é animador, mas, estes países têm agora o direito de ter uma resposta séria e pronta para seus pedidos".

Howe, como ministro do Tesouro, cargo que ocupou até a remodelação do gabinete empreendida por Thatcher em meados do ano passado, defendeu sempre uma posição dura quanto ao destino dos países devedores. "Sem ajustes que serão dolorosos não será possível conseguir a compreensão dos credores", disse meses atrás. Foi ele o animador da posição britânica quanto à não-concessão de novos créditos comerciais para o Brasil. Em resumo, Londres deixou de emprestar depois de constatar que o Brasil não dera sua contraparte numa longa série de projetos industriais, cujas encomendas deveriam reforçar as carteiras de encomendas de algumas empresas britânicas.

ELOGIO AO BRASIL

Na sexta-feira, contudo, Howe disse que o Brasil e o



Sir Geoffrey Howe

México devem ser elogiados pelo progresso que fizeram em meses de contínuo ajustamento, mas que os frutos desse avanço só serão colhidos "se (Brasil e México) forem encorajados a manter as políticas que adotaram, tirando delas o máximo de benefícios que puderem".

Mas para que isso aconteça se faria necessária uma ágil resposta para aqueles tropeços provocados pelas políticas econômicas praticadas pelos credores. Como o peso da economia norte-americana é o único capaz de desequilibrar as grandes contas da economia internacional, Howe indicou, de forma indireta, que os recentes aumentos da "prime-rate" podem jogar por terra os programas patrocinados pelo FMI.

Noticiário fornecido pelas agências internacionais AP/Dow Jones, Reuters, UPI e pelos jornais Financial Times, de Londres, Advertising Age, de Chicago, The Wall Street Journal, The Journal of Commerce e Barron's, de Nova York, El Cronista Comercial e a revista Mercado de Buenos Aires. Matérias especiais via Varig e Aerolineas Argentinas.
